

EDITORIAL

Caríssimo leitor, bom reencontrá-lo!

A busca por uma sociedade mais equânime e inclusiva instiga pensadores, pesquisadores e estudiosos a desbravarem novos caminhos e a renovarem velhas trilhas. O conhecimento se coloca como um extraordinário enigma a decifrar-se. O desejo do novo defronta-se com a cristalização do preestabelecido. Saberes se mesclam, ideias inovadoras saltam de experimentos e práticas que vão constituir-se em uma nova ordem pedagógica.

O homem dos nossos dias precisa entender e penetrar no próprio tempo a fim de tomar para si as rédeas dos múltiplos fazeres, que não de garantir-lhe a autonomia perante a vida e a firmeza ante os desafios impostos por ela.

Esta edição apresenta seis trabalhos que procuram, na diversidade de suas abordagens, trazer-nos um foco para análise e reflexão.

Mais uma vez, a Matemática toma lugar de destaque nos estudos direcionados aos cegos. No artigo *Horizontes da Educação Matemática Inclusiva envolvendo cegos: mapeando teses e dissertações*, os autores Luí Fellippe da Silva Bellincantta Mollossi, Rogério de Aguiar e Méricles Thadeu Moretti fazem o levantamento de dissertações e teses que tratam de questões ligadas a essa disciplina, favorecendo a aprendizagem desses alunos e incluindo-os, verdadeiramente, às práticas docentes desenvolvidas em sala de aula.

Nas últimas décadas, a ludicidade tem assumido um protagonismo que tende a ampliar-se. Muitas vezes, o jogo se traduz, principalmente para a criança, em um mecanismo de aprendizagem. Motivação, prazer e compartilhamento transformam-se em alicerces seguros para o aluno desenvolver potencialidades e competências. Gerson Carneiro de Farias enfoca o lúdico em seu artigo, *Avaliação do autoconceito e da locomoção em crianças e adolescentes cegos por meio do Jogo de Orientação: caça ao tesouro*. Autonomia, independência, satisfação pessoal nascem de uma prática simples, que conduz à consecução de grandes conquistas futuras.

O artigo em pauta, *Estratégias de sucesso para a inclusão escolar de alunos com deficiência visual em aulas de Educação Física*, produzido por Maria Luiza Salzani Fiorini e Eduardo José Manzini, demonstra a preocupação que deveria existir na organização curricular de todas as escolas: a prática da Educação Física levada aos alunos com deficiência visual. O corpo é um grande repositório de saberes e competências a ser desenvolvido. O sujeito cego precisa conhecer o próprio corpo, encontrando o "eu". Movimentos, equilíbrio, mobilidade e autoconfiança podem incrementar-se em aulas que tragam vivacidade, encorajamento, desejo de ultrapassar limites, descoberta de novas possibilidades.

As pesquisadoras Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa e Marlise Viana da Nóbrega Campos, através do artigo *As tecnologias de informação e comunicação como recurso de inclusão/integração do aluno com deficiência visual* põe à mostra a importância da tecnologia assistiva no processo educacional da pessoa com deficiência da visão. A contemporaneidade chega a essa fatia da sociedade, rasgando horizontes antes inimagináveis.

O cunho científico ocupa o próximo artigo escrito por Regina Kátia Cerqueira Ribeiro, Clemax Couto Sant'Anna, Maria de Fátima Bazhuni Pombo March e Patrícia Helena Medeiros de Oliveira Rodrigues. No texto *Relevância dos resultados da avaliação da força muscular respiratória dos adolescentes com deficiência visual do Instituto Benjamin Constant*, os pesquisadores fazem o cotejo entre as atividades desenvolvidas nas práticas da Educação Física curricular bem como nas práticas esportivas desenvolvidas no contraturno. Setenta e sete alunos foram avaliados e os resultados obtidos trazem-nos algumas surpresas.

Para que tenhamos uma Escola Inclusiva é primordial que o corpo docente seja instrumentalizado para desenvolver a tarefa que lhe cabe. O sexto artigo de nossa revista – trazido pelas pesquisadoras Sabrina Gomes Cozendey e Maria da Piedade Resende da Costa –, abre-nos uma via de discussão quanto a um problema tão relevante, que precisa ser aprofundado com seriedade e sem paixões menores. O artigo *Formação dos licenciandos para o trabalho com alunos cegos ou com baixa visão: um estudo desenvolvido na Universidade Federal de São Carlos* aponta-nos a realidade vigente e a necessidade de que essa realidade seja compreendida e interpretada para que a mudança de paradigmas velhos e corroídos sejam de fato banidos da Educação e da sociedade.

Por agora, ficamos por aqui. Como sempre, esperamos por você em nossa próxima edição.

Maria da Gloria de Souza Almeida

Comissão Editorial